

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade

(Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)

Duração da prova: 120 minutos

2007

1.ª FASE

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória.

Não é permitido o uso de dicionário.

GRUPO I

Leia, atentamente, o seguinte texto.

1 No Verão, Pedro partiu para Sintra; Afonso soube que os Monfortes tinham lá alugado uma casa. Dias depois o Vilaça apareceu em Benfica, muito preocupado: na véspera Pedro visitara-o no cartório, pedira-lhe informações sobre as suas propriedades, sobre o meio de levantar dinheiro. Ele lá lhe dissera que em Setembro, chegando à sua maioridade, tinha a
5 legítima¹ da mamã...

– Mas não gostei disto, meu senhor, não gostei disto...

– E porquê, Vilaça? O rapaz quererá dinheiro, quererá dar presentes à criatura... O amor é um luxo caro, Vilaça.

– Deus queira que seja isso, meu senhor, Deus o ouça!

10 E aquela confiança tão nobre de Afonso da Maia no orgulho patricio, nos brios de raça de seu filho, chegava a tranquilizar Vilaça.

Daí a dias, Afonso da Maia viu enfim Maria Monforte. Tinha jantado na quinta do Sequeira ao pé de Queluz, e tomavam ambos o seu café no mirante, quando entrou pelo caminho estreito que seguia o muro a caleche azul com os cavalos cobertos de redes. Maria, abrigada
15 sob uma sombrinha escarlate, trazia um vestido cor-de-rosa cuja roda, toda em folhos, quase cobria os joelhos de Pedro, sentado ao seu lado: as fitas do seu chapéu, apertadas num grande laço que lhe enchia o peito, eram também cor-de-rosa: e a sua face, grave e pura como um mármore grego, aparecia realmente adorável, iluminada pelos olhos de um azul sombrio, entre aqueles tons rosados. No assento defronte, quase todo tomado por cartões de
20 modista, encolhia-se o Monforte, de grande chapéu panamá, calça de ganga, o mantelete da filha no braço, o guarda-sol entre os joelhos. Iam calados, não viram o mirante; e, no caminho verde e fresco, a caleche passou com balanços lentos, sob os ramos que roçavam a sombrinha de Maria. O Sequeira ficara com a chávena de café junto aos lábios, de olho esgazeado, murmurando:

25 – Caramba! É bonita!

Afonso não respondeu: olhava cabisbaixo aquela sombrinha escarlate que agora se inclinava sobre Pedro, quase o escondia, parecia envolvê-lo todo – como uma larga mancha de sangue alastrando a caleche sob o verde triste das ramas.

Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, 1998

¹ *legítima*: porção de bens legalmente destinada aos herdeiros.

Elabore um comentário do excerto transcrito que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- divisão do texto nas suas partes constitutivas;
- evolução do estado de espírito de Afonso da Maia;
- três indícios do desenlace trágico da paixão de Pedro por Maria Monforte;
- recursos estilísticos relevantes.

Observação

Relativamente ao quarto tópico, são exigidos, no mínimo, três recursos estilísticos.

GRUPO II

A questão seguinte refere-se à poesia de Cesário Verde.

«A Lisboa de Cesário Verde é uma cidade de contrastes.»

Paula Morão, «Cesário Verde e Irene Lisboa: Ver a Cidade», in *Viagens na Terra das Palavras – Ensaios sobre Literatura Portuguesa*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993, p. 35

Considere o juízo crítico apresentado e comente-o, explicitando três tipos de contrastes da «Lisboa de Cesário Verde». Redija um texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras.

Observações

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2007/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

GRUPO III

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por trezentas e setenta e três palavras, num texto de **cento e dez a cento e quarenta** palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as observações apresentadas em final de página.

1 A obra poética de Fernando Pessoa (Lisboa, 1888-1935), além de ser uma das mais ricas e profundas da lírica contemporânea, presta-se a um tal número de leituras, às vezes contraditórias entre si, que ainda não se chegou, e talvez não se chegue nunca, a um relativo consenso crítico sobre a melhor direcção, já que não sobre o melhor caminho, a seguir para
5 explorar os seus inesgotáveis filões estéticos e ideológicos. Porque [...] Pessoa foi, além de poeta, narrador, pensador metafísico e político, teórico da economia comercial e da sociologia, autor dramático, crítico literário e, sobre tudo isto e algo mais, um decidido «indisciplinador de almas». Não é, contudo, esta multiplicidade de interesses intelectuais o que mais complica a
10 leitura da sua poesia, mas o facto de que a sua parte essencial e mais extensa apareça atribuída por este autor a si mesmo e a outros três poetas – Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos – que ele qualifica de heterónimos para os distinguir dos pseudónimos e semi-heterónimos [...].

Pessoa susteve, em vários escritos já célebres, que os seus heterónimos deviam ser lidos como poetas independentes de ele mesmo, embora intimamente relacionados entre si, dado
15 que tanto Reis como Campos – e o próprio Pessoa! – eram discípulos de Alberto Caeiro. Entendamo-nos: o nosso poeta não pretendia que acreditássemos na realidade biológica, mas na realidade poética – muito mais real para ele do que a primeira – dos seus heterónimos, o que equivalia a afirmar que ele, enquanto autor, era o resultado de diversos poetas diferentes – com o que negava a unicidade da sua personalidade, com todas as
20 consequências, psicológicas e esotéricas, que isso implica –, tão autónomos e tão senhores dos seus recursos que eram capazes de se influenciar entre si, de polemizar em algumas alturas e de evoluir de maneira perfeitamente coerente.

Uma leitura da obra dos heterónimos mostra-nos, sem a necessidade de ser muito profunda, que cada um deles tem, com efeito, um estilo, uma arte poética, uma escrita – se
25 se prefere – característica e original: é impossível confundir uma ode de Ricardo Reis com qualquer ode de Álvaro de Campos, ou um poema de um destes dois poetas com um único dos versos de Caeiro ou uma única das composições assinadas pelo poeta ortónimo, isto é, *ele mesmo* [...].

Angel Crespo, *Estudos sobre Fernando Pessoa*, trad. de José Bento, Lisboa, Teorema, 1988

Observações

1. Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (noventa e cinco palavras como limite mínimo, e cento e cinquenta e cinco como limite máximo). Um desvio maior implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

2. De acordo com o critério de contagem adoptado nesta prova – já explicitado no grupo II –, o fragmento a seguir transcrito é constituído por oito palavras: «A/ obra/ poética/ de/ Fernando/ Pessoa/ (Lisboa,/ 1888-1935)/ ».

FIM

COTAÇÕES DA PROVA

GRUPO I	100 pontos
Conteúdo	60 pontos
Organização e correcção linguística	40 pontos
GRUPO II	50 pontos
Conteúdo	25 pontos
Organização e correcção linguística	25 pontos
GRUPO III	50 pontos
Conteúdo	20 pontos
Organização e correcção linguística	30 pontos
Total	200 pontos